

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



O PODER DA VONTADE

POR WANDA
DESENHOS DE CASTANÉ

JOAO era um rapazito franzino, ágil, nervoso, temperamento irrequieto, com uma áncia de saber imprópria da sua idade.

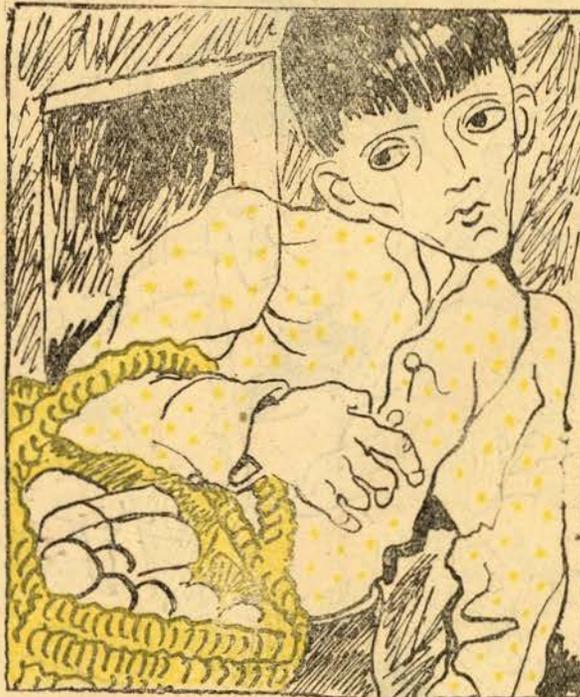
Filho de humilde contínuo duma Escola Superior, êle, o garotinho a quem mandavam a recados sonhava de dia, mesmo nos seus folgedos infantís ou mergulhado em extásis profundos, e de noite, na sua pobre caminha, sonhava ser Doutor... professor como aqueles que êle via passar, todos os dias, para as áulas arrogantes, cóncios do seu valor.

E, ás vezes, curioso, num anseio indefinível, com mil receios, êle andava por aqueles longos corredores a espreitar o Senhor Doutor Professor na sua cadeira que, a seus olhos, representava um trono doirado e fascinador.

Mas a vida é cheia de tristes e dolorosas reslidades e o pobre rapazinho, que sonhava com sciência e glória, depressa sentiu a garra adunca do Destino.

Êle era inteligente ousado e a Inteligência e Ousadia são dois grandes valores mas,

sózinhos, difficilmente podem vencer o seu grande inimigo: a Pobreza.



João entrou numa mercearia! E, com o cabaz ao ombro, o sonhador sonhava sempre.

Nem o trabalho rude, nem os ralhos, os maltratos, nada o afastava dos seus longos scismares e todas as noites tinha sempre que ler, numa áncia de se instruir, apesar da troca dos seus companheiros que lhe chamavam: o doutor Bacalhau.

Um dia, ao fazer um embrulho numa folha de jornal, deparou com um extenso artigo sobre ensino, do professor que êle mais admirava e, esquecido do lugar onde se encontrava, da freguesa que servia, ficou encostado ao balcão, completamente absorvido.

Despertou - o um saíaão brusco do patrão: — «Não quero cá doutores; aqui não há tempo para leituras».

Ao domingo errava pelos corredores da escola onde o Pai por ser contínuo morava, com um vinco na testa, um rítus de amargura nos lábios. A desilusão começava a perturbar aquela almazinha,

aquela vontade que, querendo elevar-se, cada vez se sentia mais longe do seu sonho.

Um velho professor, psicólogo bondoso, viu-o um dia magrito, pálido, uma chama viva, inteligente, no olhar.

— Tu és o João?



— Sim, senhor Professor.

— Estás crescido... O que fazes tu?

— Sou marçano na mercearia aqui na rua; disse o pequeno num lamento dolorido.

O professor, entre admirado e compadecido daquele acento tão doloroso respondeu: Mas tu parecias esperto!

João fez um gesto cansado de amargor, quase ódio...

— Talvez, senhor Professor, mas os inteligentes para vencerem também precisam de ter dinheiro.

Surpreendeu-se o velho da resposta e do clarão ardente e ativo que iluminou o rosto do rapazinho.

— Eu falarei a teu Pai!

Saindo da mercearia, o coração de João dançava-lhe no peito tornado cárcere estreito para coração tão grande, tão alvorçado.

Teve livros para estudar e auxiliado por uma bolsa de estudo — (essa iniciativa, nobre e bela, com que o Estado auxilia a inteligência dos pobres) — estudou!

Mas ele era um forte, um valente rapazinho e vendo que, mesmo assim era pesado ao Pai, empregou-se numa mercearia dum velho amigo da família onde tinha mais liberdade para estudar até aos primeiros exames.

Estudou com entusiasmo, com delírio e fez num ano o que os estudantes ricos fazem em três.

Tendo já alguns exames, deixou a loja e dava lições em todas as horas livres. Trabalhava muito numa força de vontade inquebrantável, mas a sua vida era um deslumbramento, na ância de vir a ser doutor!

Na sua alma tinha ficado latente aquele rancor, gerado nos tristes dias passados na suja mercearia, contra o dinheiro e contra os ricos a quem são acessíveis todas as satisfações e começou a ser notado entre os seus companheiros pelas suas ideias alevantadas e abertamente confessadas.

Um dia viu uma rapariga que o olhou com insistência, ele era um lutador mas era também rapaz e queria namorar...

Quando soube que ela era rica, apesar do seu arzinho insignificante, apagado, pensou em acabar porque ele, antigo marçano de mercearia e aprendiz de marceneiro, embora futuro doutor não tinha vintém na algibeira a maior parte dos dias, e seria considerado interesseiro.

Mas não acabou!

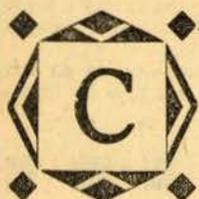
Não era um grande Amôr porque esse guardava ele para os seus livros, mas uma espécie de reconhecimento pela primeira rapariga que se tinha enamorado da sua cara magra, pálida, cavada pelo cansaço. Depois... ela era de inteligência mediocre e deslumbrava-se ao ouvi-lo conversar... o que era doce ao coração dele.



O BURRICO



POR MARIA ALDA
DESENHOS DE CASTANE



ALDAS da Rainha apresentava, nesse domingo, um movimento desusado por ser dia do mercado anual. Um par interessante de crianças acompanhadas por uma mulher de meia idade, estacionava no grande largo da feira. Fazemos as apresentações: — Carmela e

Quim (são irmãos) ela de noveanos, éle de oito, — e Marina, a velha criada que quási os viu nascer e que tem por eles uma adoração sem limites.

Quinito pára junto de um burrico branco muito gordo e bem cuidado, que um cigano segura pelas rédeas, e chama para éle a atenção da irmã perguntando:

— Não gostavas, Carmelita, de possuir êste burrico?

— Se gostava!... E que belos passeios nós dariamos nele!

— Se pedissemos à mãezinha para o comprar? E se tu, Marina, nos auxiliasses no pedido?

— O menino sempre tem cada lembrança!

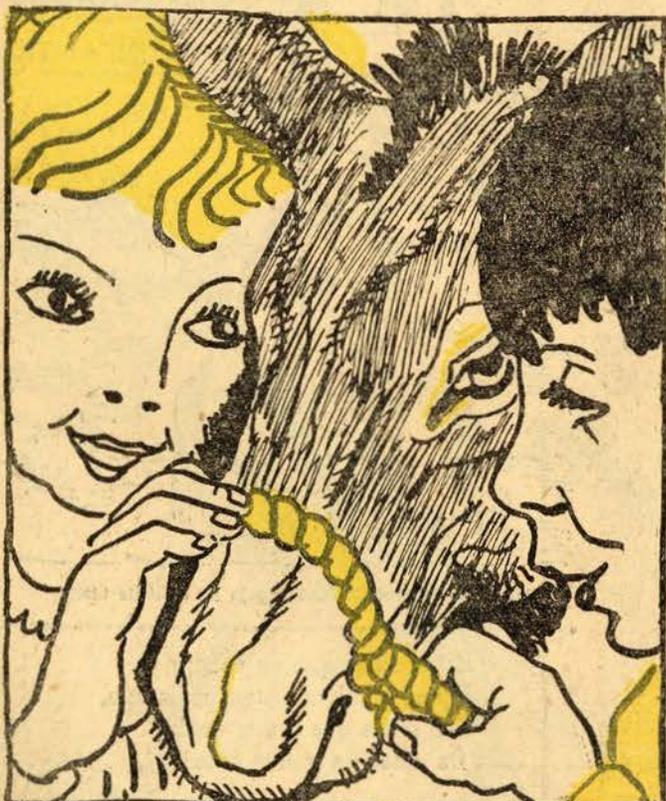
Então eu vou lá pedir à mãezinha para comprar o burro?!

Uma destas não lembra ao demónio!... Não foi sem dificuldade que a boa Marina levou dali os pequenos.

Chegados a casa, logo fizeram o pedido à mãe, que, depois de muito resistir, acabou por ceder, não sendo extranha a esta resolução a intervenção de Marina que não se fartou de gabar as boas qualidades do jericó: — Muito bonito, muito manso e que havia de fazer muito bem aos meninos darem um passeio, montados no burrico, todas as manhãs.

Pouco tempo depois, estava o burrico na posse dos meúdos, principiando para éle uma vida de descanso, mas, também, ao mesmo tempo, de grandes arrelias. Não o deixavam um momento. Ambos, um de cada lado, lhe ofereciam comida, acabando o pobre burro por não saber para que lado se havia de voltar. Isto acabou por aborrecer a mãe dos pequenos que tomou a resolução de se desfazer do animal, oferecendo-o

(Continua na página 6)



A mãezinha tinha razão

POR MARIA JÚLIA DE LEMOS

Desenhos de A. Castané

CERTO dia a Milúzinha, muito alegre e coradinha, foi a correr, num afã, dizer assim à Mamã:

— «Tão triste, a coser, tão só?! Da Mãezinha tenho dó! Quere que eu lhe conte um conto muito lindo e nada tonto?»

Responde a Mãe: — «Que tolice! Não sabes filha, já disse; pois se inda és pequenininha!...

contado, um dia, a avòzinha, pensa, então, em inventar qualquer outra p'ra contar, visto que assim prometera e a Mãezinha estava à espera:

— «Era uma vez um Perú muito maior que a Milú...»

— «Quê?!... A menina está tonta?! Então, isso é que se conta?!...»
— «Se não gosta, então, vá lá... Conto o da galinha mã; mas há-de ir até ao fim!»

— «E' certo, minha Mãezinha, que tenho cinco anos só, mas já sei limpar o pó... das bonecas... bem de ver! E sei o nome escrever... Por isso já sei, também, distrair a minha Mãe, que contentinha só está quando cá tem o Papá.

Vai uma não vai, Mãezinha? Mas qual?! A da Carochinha?!...»

— «Essa, não, Amôr, já sei; conta-me antes a dum Rei ou Princezinha encantada. Mas há-de ser bem contada!»

Entanto, Milú, aflita, lá vai pensando na dita história da Princezinha. Mas, como é muito novinha, não sabe contar, ai não! A Mamã tinha razão!... E pondo-se a meditar sem conseguir atinar nessa história que lhe tinha



— «Pois sim, meu Amôr, pois sim!»
E a Mãe põe-se à escuta, a ver
se nada tem que dizer.

Milú conta: — «essa galinha
uns olhos tão lindos tinha
e uns dentinhos tão branquinhos...»

— «¿ O quê?! Os lindos dentinhos
duma galinha?! Que idéia!!!
Essa história inda é mais feia!»

— «Mas oiça cá, Mamãzinha,
se é feia esta história minha,
não tenho culpa; pois quiz
fazê-la par'cida e fiz
com essas que a Mamã conta,
embora não seja tonta!
Ora como em todas há
princezinha, bôa ou má,
encantada, de repente,
numa terrível serpente;
ou, então, um Rei mauzão,
transformado num dragão,
eu, também, quiz variar;
contar coisas de espantar,
como as que a Milú contou
e que a Mamã não gostou.»



Então, beijando a Mãezinha,
diz baixo, muito meiguinha:

— «Mas não tem graça, pois não?!
A Mamã tinha razão!»

■ F I M ■

O BURRICO

(Continuado da página 4)

à lavadeira da casa, uma pobre mulher, muito séria e trabalhadora, sempre carregada com grandes trouxas de roupa.

Fez-se a entrega do burrico de noite, para que os pequenos não dessem por isso, ficando combinado atribuir-se o desaparecimento a fuga ou a roubo.

Foi grande a surpresa de Carmela e Quinito quando, no dia seguinte, foram fazer a visita e tratamento habitual ao burrico e não o encontraram. Houve grande choro e lamentações, acabando, afinal, por se conformarem.

Certo dia, quando tudo parecia indicar que o burrico entrara no rol dos esquecidos, foram Carmelita e Quinito dar um passeio com Marina,

quando, na sua frente, lhes surgiu o *amigo burro* conduzido pela lavadeira. Não se descreve a alegria dos pequenos e o barulho que fizeram: — Queriam o burro e acusavam a lavadeira de o ter roubado. Juntou-se muita gente, e apareceu a polícia que, se não fôsse a intervenção de Marina que tudo explicou, teria feito passar um mau bocado à pobre lavadeira.

Bondosos, acabaram Carmelita e Quinito por concordar que o burro estava bem na posse da lavadeira, que muito precisava dele, pois, idosa como era, mal podia carregar com as trouxas da roupa.

Regressaram a casa contentísimos, enchendo a mãe de carícias e beijos, agradecendo-lhe a resolução que tomara.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

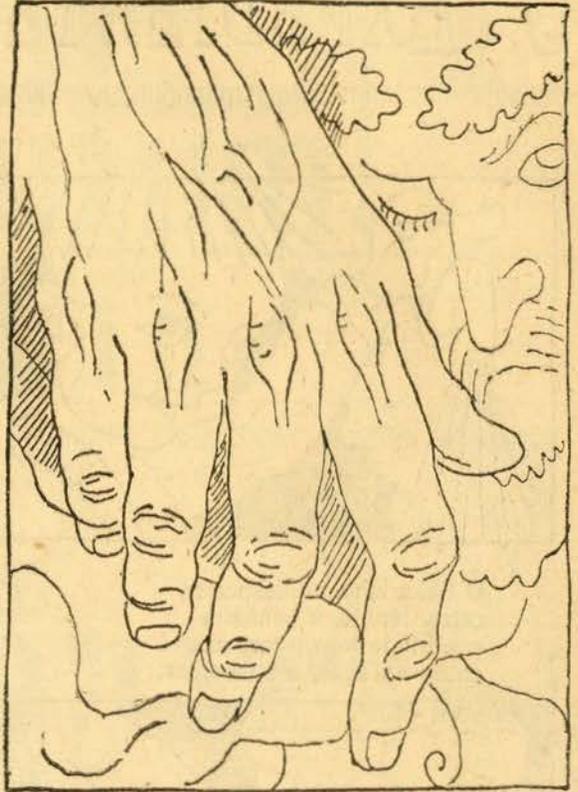
A DIVINHA

OS
NOS-
SOS
COLA-
BORA-
DO-
RES



MARIA JULIA DE LEMOS

GA-
LE-
RIA
DE
HON-
RA



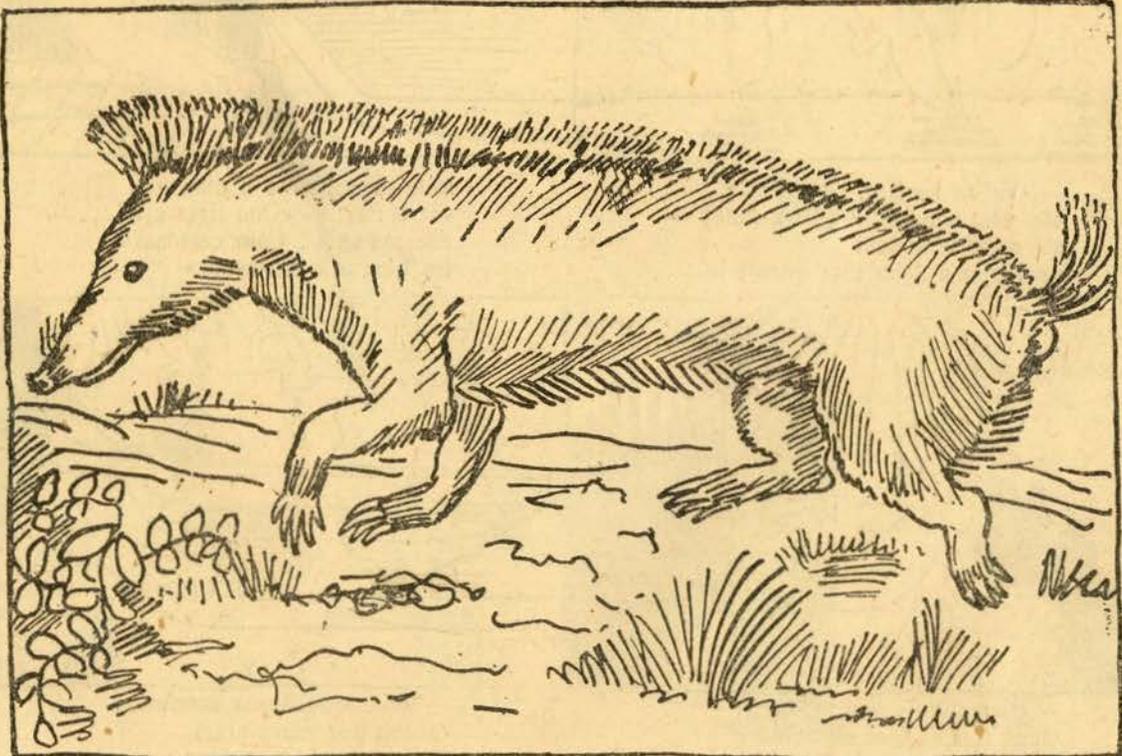
	A	L	É	M	
B		A	S		N
A	R			P	O
L	E			A	I
A		T	I		R
	M	U	R	O	

PALA-
VRAS
CRU-
ZA-
DAS

Solução do
problema
anterior

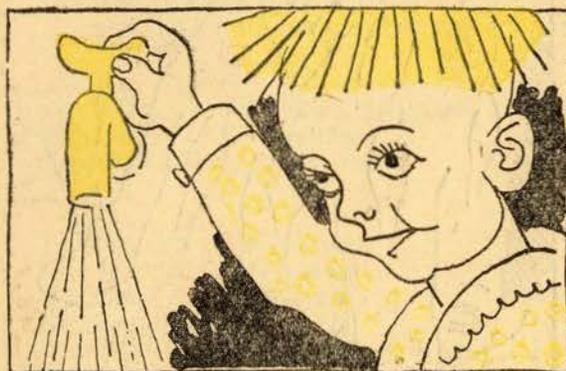
Meus meninos: - Vejam se descobrem a quem pertence esta mão.

PARA OS MENINOS COLORIREM

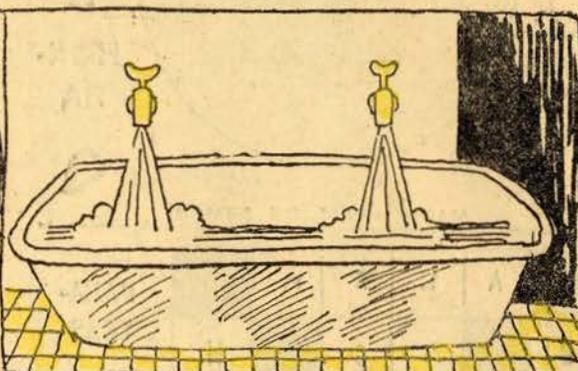


O MIDAS TELAGON - (Midaus Meliceps)

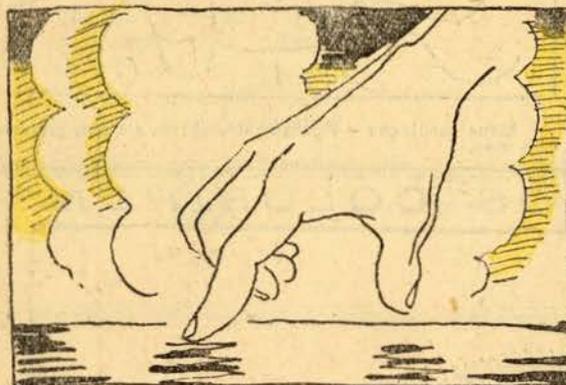
O EXPEDIENTE DO CHIQUINHO



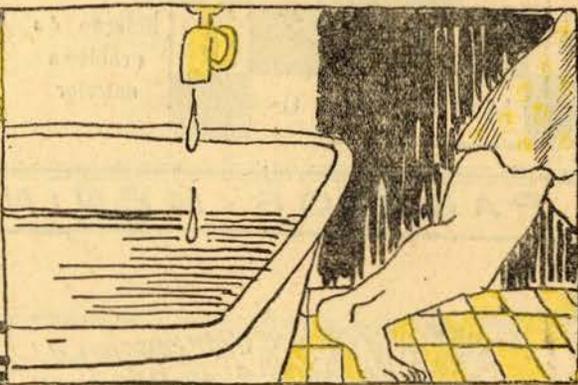
O Chiquinho, ao despertar, corre, lépido, à banheira e, abrindo logo a torneira, enche-a d'água, a trasbordar.



Entanto, os paizinhos seus dizem, surpresos, à espreita: — «Vai-se banhar, desta feita; mas que milagre, meu Deus!»



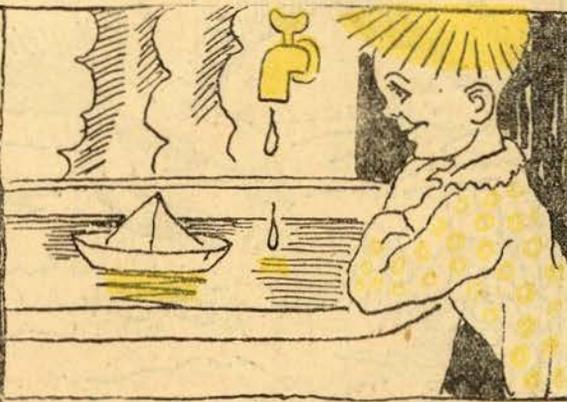
— «Vai-se banhar, certamente, não vês, não vês — (diz a Mãe) — até o cuidado tem de ver se a água está quente!»



Inda espreitando o diabrete, diz o Pai; — «Que ligeireza!... Afastou-se... Com certeza foi buscar o sabonete.»



— «Estranho o seu juizinho! Onde iria?! Que demora! Que estará fazendo agora?!...» Diz a Mãe do Chiquinho.



— «Mas que fiasco tamanho! (acaba por murmurar) E eu a supôr, a cuidar que se tratava dum banho!»